

## O papel da empresa no atual contexto social

Maurício C. Serafim

Publicado em: WHITAKER, M. C. (coord.). *Ética na vida das empresas: depoimentos e experiências*. São Paulo: DVS Editora, 2007. p. 234-236.

O fim último da empresa é gerar lucro para... Para quê mesmo? Qual o propósito que deve ter uma organização econômica? Esse questionamento não é simples de responder, principalmente porque estaremos lidando com crenças e valores que perpassam alguns séculos, desde o advento da Modernidade (século XVI ao XX). Se alguém me afirmar que a finalidade última de uma empresa é gerar lucro para que seu dono, no final das contas, acumule capital, ou que ela deve servir para gerar riquezas aos acionistas, diria a ele que esta idéia seria estranha para os nossos antepassados da Idade Média e da Antigüidade. De acordo com os valores daquelas épocas, o fato de se ter um empreendimento representaria uma certa responsabilidade para que a riqueza gerada servisse para a sobrevivência biológica e autonomização do ser humano em relação à natureza. A idéia da empresa como fonte de obtenção de produtos de luxo era totalmente rechaçada porque se tinha em mente que o que deveriam ser satisfeitas eram as necessidades e não os desejos.

Necessidades são limitadas exigências naturais e culturais sem as quais não sobreviveríamos sadiamente nem seríamos membros ativos no funcionamento da sociedade. Os bens e serviços que satisfazem nossas necessidades correspondem a alimentação, abrigo, vestuário, transporte e alguns serviços elementares de apoio. Os desejos correlacionam-se à aspiração do que não se possui em relação à estrutura de *status*, na tentativa de se expressar o nível pessoal. Diferentemente das necessidades, os desejos são ilimitados. Nesse sentido, eles nunca poderão ser satisfeitos.

Na economia pré-moderna, a unidade produtiva estava imersa na comunidade que a continha, e possuía uma clara função social, qual seja, a de satisfazer as necessidades da família e, com o excedente, as da sociedade. Nessa época, não havia pessoas que passassem fome, a não ser em casos de pragas que dizimavam colheitas inteiras e que, dessa forma, comprometiam toda uma comunidade. A figura do faminto em meio a uma sociedade abundante é uma criação moderna.

E é na Modernidade que há uma mudança significativa no papel da empresa. O indivíduo, que em outras épocas se subordinara à comunidade como um ser existencial, surge como princípio e valor, estabelecendo para si o critério da organização da sociedade. Nesse contexto, o empreendimento é visto não mais como detentor de uma função social, mas de uma função em cujo centro está o indivíduo, com suas necessidades e, principalmente, com seus desejos. A produção, por sua vez, se voltara totalmente para o mercado, e será ele, que daqui por diante, que escreverá as regras do jogo da vida. O preceito continua o mesmo até os dias de hoje, *satisfazer as necessidades* das pessoas, que em nosso tempo se chamam clientes ou consumidores. Contudo, o significado é totalmente modificado. Não se buscam as necessidades, que são limitadas, mas os desejos, qualitativamente ilimitados. Se realmente a economia atribuísse a si *satisfazer as necessidades*, estaria voltada mais para os empobrecidos do que para os mais ricos. Em outras palavras, onde se escreve *satisfazer as necessidades do cliente*, deve-se ler *satisfazer os desejos das pessoas que podem pagar*.

O entendimento desse aspecto da Economia é importante para que a responsabilidade social das empresas seja discutida com seriedade. Minha esperança é que esse tema resgate a dimensão esquecida dos empreendimentos econômicos: a função efetivamente social. E social não no sentido de caridade, mas no sentido de *responsabilidade* de suas relações. O termo *responsabilidade* surge como conceito em 1787, nas línguas inglesa e francesa, cujo significado atual é *possibilidade de prever os efeitos do próprio comportamento e de corrigi-lo com base em tal previsão*. Assim, a responsabilidade social das empresas exige a ampliação dos interesses organizacionais para além da esfera econômica, incluindo em suas estratégias preocupações com o bem-estar de todos os afetados por suas ações. Com isso, responsabilidade social vai além de meros projetos: é um estilo de vida e de ação administrativa.